

## MOTIVO

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço  
— não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
— mais nada.

## NOITE

Húmido gosto de terra,  
cheiro de pedra lavada,  
— tempo inseguro do tempo! —  
sombra do flanco da serra,  
nua e fria, sem mais nada.

Brilho de areias pisadas,  
sabor de folhas mordidas,  
— lábio da voz sem ventura! —  
suspiro das madrugadas  
sem coisas acontecidas.

A noite abria a frescura  
dos campos todos molhados,  
— sozinha, com o seu perfume! —  
preparando a flor mais pura  
com ares de todos os lados.

Bem que a vida estava quieta.  
Mas passava o pensamento...  
— de onde vinha aquela música?  
E era uma nuvem repleta,  
entre as estrelas e o vento.

## ANUNCIAÇÃO

Toca essa música de seda, frouxa e trémula,  
que apenas embala a noite e balança as estrelas noutro mar.

Do fundo da escuridão nascem vagos navios de ouro,  
com as mãos de esquecidos corpos quase desmanchados no  
vento.

E o vento bate nas cordas, e estremece as velas opacas,  
e a água derrete um brilho fino, que em si mesmo logo se perde.

Toca essa música de seda, entre areias e nuvens e espumas.

Os remos pararão no meio da onda, entre os peixes  
suspensos;  
e as cordas partidas andarão pelos ares dançando à toa.

Cessarà essa música de sombra, que apenas indica valores de ar.  
Não haverá mais nossa vida, talvez não haja nem o pó que fomos.

E a memória de tudo desmanchará suas dunas desertas,  
e em navios novos homens eternos navegarão.

## RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
— Em que espelho ficou perdida  
a minha face?

## CANÇÃO

Pus o meu sonho num navio  
e o navio em cima do mar;  
— depois, abri o mar com as mãos,  
para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas,  
e a cor que escorre dos meus dedos  
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,  
a noite se curva de frio;  
debaixo da água vai morrendo  
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,  
para fazer com que o mar cresça,  
e o meu navio chegue ao fundo  
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:  
praia lisa, águas ordenadas,  
meus olhos secos como pedras  
e as minhas duas mãos quebradas.